

XXXIII Prêmio Moutonnée de
POESIA

Tempo : o que resta do que passou?

TEMPO:

O QUE RESTA DO QUE PASSOU?

O tempo, em suas múltiplas acepções, sentidos e possibilidades de interpretação, sempre foi abordado pela literatura, pela filosofia e pela ciência. Cada um desses campos, a seu modo, busca entendê-lo, representá-lo e fazer poesia diante do que não é concreto ou só consegue ser significado pelo sentimento.

Quando o 33º Prêmio Moutonnée de Poesia provoca poetas com a temática "*Tempo: o que resta do que passou?*", as reflexões possíveis a respeito do efêmero se revestem de uma profunda reflexão sobre o que há de perene naquilo que parece escapar às nossas determinações.

É por isso que, entre as muitas formas de registrar o tempo e suas marcas, duas delas parecem se opor. A primeira é a observação dos ponteiros do relógio. A outra são as marcas que o passar dos minutos deixa. A memória não seria também forma de contabilizar a passagem dos dias?

E não seria por isso que um minuto pode ser apenas um átimo imperceptível ou adquirir a forma de uma experiência indelével? Tempo é passagem ou é presença do que foi?

Essa indefinição paradoxal em torno do tempo fez, inclusive, com que ele fosse tantas vezes retratado desde a Antiguidade. Ovídio, em “Metamorfoses” (8 d.C.), optou por tratá-lo a partir da passagem das fases da vida, comparando-a com as estações do ano, conseguindo uma síntese para as duas formas como os gregos tratavam o tempo: seria ele o deus *Kairos* (o deus das oportunidades, do equilíbrio) ou o deus *Chronos* (intrépido e irrefreável em sua passagem, a nos sufocar)? Latinos também não se esqueceram da temática, legando à posteridade uma de suas principais máximas: “*Carpe diem, frui vita*” (aproveite o dia, a vida passa).

Que o leitor possa também pensar: “O que tenho a dizer sobre o tempo? O que o tempo tem a dizer sobre nós e para nós?”

FABIANO ORMANEZE

XXXIII Prêmio Moutonnée de

POESIA

Tempo : o que resta do que passou?

Copyright © Dos autores.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor. Todo o conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P954	XXXIII Prêmio Moutonnée de Poesia : tempo, o que resta do que passou / Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto ; Academia Saltense de Letras. – 1. ed. – Salto, SP : FoxTablet, 2025. 102 p. : foto. – (Prêmio Moutonnée de Poesia; v. 33)
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-83368-50-8
	1. Ficção brasileira. 2. Poesia. I. Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto. II. Academia Saltense de Letras. III. Título.
	CDD B869.1
Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422	

REALIZAÇÃO

Secretaria da Cultura de Salto
Academia Saltense de Letras

PRODUÇÃO E

DIREÇÃO GERAL

Secretário da Cultura
Sandro Bergamo

Chefe de Gabinete
Renato Rozendanz

Diretor de Eventos Culturais
Matheus Damato Junior

Diretor de Cultura
Sérgio Rodrigues

CONSELHO EDITORIAL

Anna Osta
Antonio Carlos Valini
Fabiano Ormaneze
Marilena Matiuzzi
Mércia Falcini
Ruben Humberto Osta

CRIAÇÃO DE CAPA

Renato Rozendanz

**REVISÃO, PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Jean-Frédéric Pluinage
Editora FoxTablet

**PREFEITURA DA ESTÂNCIA
TURÍSTICA DE SALTO**

Prefeito José Geraldo Garcia



1. Marco Ribeiro
2. Anna Osta
3. Mércia Falcini
4. Wilson Roberto Caveden
5. Mônica Leite de Araújo
Dalla Vecchia
6. Alexandre Costa
7. Antônio Oirmes Ferrari
8. Toni Tordivelli
9. Alberto Manavello
10. Antônio Carlos Valini Vacilotto
11. Anita Liberalesso Néri
12. Augusto Gasparini Filho
13. Francisco Carlos Garcia
14. Lázaro Piunti
15. Maria Damien Ignácio Pacheco
16. Katia Auvray
17. Maria Christina
Noronha Liberalesso
18. Cynara Lenzi Veronezi
19. *Vaga*
20. Cristina Maria Salvador
21. João Carlos Milioni
22. Décio Zanirato Júnior
23. Francisco Moschini
24. Ana Carolina L. A. Wiggert
25. Rafael Barbi
26. Jean-Frédéric Pluinage
27. Valter Berlofa
28. Raquel de Toledo
Camargo Ferraro
29. Jorge Duarte Rodrigues
30. José Roberto Benedito
31. Eloy de Oliveira
32. Fabiano Ormaneze
33. Leandro Thomaz de Almeida
34. Andrade Jorge
35. André Luiz Palhardi
36. Anicleide Zequini
37. Núbia Istela
38. Rose Ferrari
39. Marilena Matiuzzi
40. Ivenise Teresinha
Gonzaga Santinon

Sumário

Prefácio.....	07
Grupo Anchieta	09
Soluções Serviços Terceirizados.....	11
Comissão Julgadora • 2025	13
2025 • XXXIII PRÊMIO MOUTONNÉE	
Poesias premiadas – Categoria Juvenil.....	15
Poesias premiadas – Categoria Adulto.....	46
2024 • XXXII PRÊMIO MOUTONNÉE	
Poesias premiadas – Categoria Juvenil.....	81
Poesias premiadas – Categoria Adulto.....	91

Prefácio

A poesia é a voz mais antiga e, ousou dizer, a mais necessária da literatura. Nela, a palavra se converte em sopro vital, em diálogo profundo com o mundo e com o tempo, pulsa no silêncio, ressoa nas folhas e no ar que respiramos, habita o instante e, ao nomeá-lo, transcende o efêmero.

O *Prêmio Moutonnée de Poesia*, em 2025, chega à sua 33ª edição. A Lei Municipal nº 3.870/21 conferiu à Academia Saltense de Letras (ASLe) a condição de sua guardiã e o oficializou no calendário cultural da cidade, em parceria com a Secretaria Municipal da Cultura. Cabe à ASLe a responsabilidade pela seleção das poesias, numa tarefa que une rigor e sensibilidade.

Esse prêmio, que já atravessa mais de três décadas, carrega em sua trajetória o mérito de revelar vozes novas e consagrar outras, reunindo poetas não apenas de Salto, mas de diferentes partes do país e do mundo. Quando, em 2018, a ASLe incentivou sua retomada, após alguns anos de interrupção, fê-lo convicta de que preservar e estimular esse espaço de criação é também afirmar a vitalidade da literatura em todas as suas fronteiras.

A presente antologia guarda em si dois instantes distintos e complementares: os poemas vencedores de 2024, sob o tema “*Natureza, qual é a tua?*”, e os de 2025, “*Tempo: o que resta do que passou?*”. São dois eixos que não se separam, mas se entrelaçam, porque falar da natureza é nomear o que nos envolve, sustenta e transcende, e falar do tempo é reconhecer o fio invisível que nos conduz, costurando

vida e memória, presença e ausência, permanência e passagem. A contemplação da natureza supõe o instante que a contém, e a reflexão sobre o tempo, por sua vez, encontra na natureza o seu espelho mais fiel. Ambos lembram que somos passageiros dentro de uma ordem maior que nos precede e nos sobreviverá.

Nesta edição, a ASLe assumiu, excepcionalmente, a responsabilidade pela publicação, consciente de que a memória literária não pode se perder. Foi um gesto de compromisso com a palavra e de confiança na poesia como patrimônio coletivo, que não deve ser condicionado à escassez de verbas, mas celebrado como bem essencial.

Ao leitor, cabe agora percorrer estas páginas com a certeza de que cada poema é testemunho e celebração. Testemunho de uma geração que ousou escrever sobre aquilo que nos funda – a natureza e o tempo. Celebração da palavra como herança, como legado e como promessa.

Que esta antologia reafirme, mais uma vez, o papel da poesia: iluminar o que somos e o que ainda seremos.

MARILENA MATIUZZI

Presidente da Academia Saltense de Letras



Por que investir em literatura?

“Para que isso?”, “literatura não vende”, “ninguém lê poesia”, “livros são coisas do passado”, “arte não serve para nada”. Quem trabalha com produção cultural certamente já ouviu uma dessas frases, já as recebeu como resposta ou já imaginou uma reação como essa. É por isso que o incentivo à literatura, às artes e à produção cultural precisa ser valorizado e, principalmente, tornar-se motivo de distinção para a iniciativa privada. É contra posicionamentos extremados que lutamos e resistimos.

Aqueles que ajudam a poetizar o mundo emprestam sentidos às coisas. Eles possibilitam que o invisível torne-se palpável e que o amargo das negativas, que todo poeta já recebeu, transforme-se no prazer de ver as palavras circularem e povoarem o mundo com novos sentidos.

Até onde se sabe, foi Caio Mecenaz, que viveu no século I a.C., quem inaugurou, na Roma Antiga, a prática de patrocínio para artistas e poetas. Esse feito foi tão marcante que seu sobrenome passou a ser a designação para tal prática em boa parte do mundo ocidental. E, vale dizer, parcela considerável dos artistas e escritores hoje conhecidos não teria condições de produzir sem que tivesse recebido apoio de mecenas. Foi assim com gente como Virgílio, autor de “Eneida”, na Antiguidade; com Michelangelo e tantos outros renascentistas;

e, mais recentemente, com vários escritores brasileiros que só tornaram possível o movimento modernista nos anos 1920 e 1930, porque possuíam apoio de empresários e industriais.

Ao apoiar projetos literários como este livro, a iniciativa privada contribui não apenas com a difusão da arte, mas também torna-se signatária do fortalecimento da democracia, do pensamento livre e da diversidade de ideias, tão necessários a qualquer tempo e ameaçados a todo momento. Quando se trata de organizações ligadas à educação, como é o caso do *Grupo Anchieta*, esse incentivo assume valor ainda mais estratégico e coerente com a missão institucional. Mais do que pensar no pragmatismo de dizer que a literatura é também forma de aprendizagem ou conteúdo, o investimento em projetos literários possibilita fazer circular a pausa e o refrigério que só a fruição dá à alma. É garantir um momento de leitura, ajudar a questionar sentidos que parecem únicos, possibilitar outras formas de ver o mundo, fazer surgirem novos discursos.

Assim, mais do que fortalecer uma marca e demonstrar apoio às ações comunitárias, incentivar a literatura na forma de prêmios e publicações possibilita que instituições de ensino ou iniciativas dos diversos setores econômicos ajudem a descobrir novos talentos, incentivem a leitura e, principalmente, mostrem que a poesia é uma das saídas para nossos automatismos. É incentivar a pausa entre um dia e outro, é mostrar que a criatividade e o livre pensar são necessários e que resultados econômicos só fazem sentido se contribuírem com a sociedade que os possibilitou emergirem.

Boa leitura!

GRUPO ANCHIETA



Por que investir em literatura?

Alimentar é, antes de tudo, um ato de cuidado. É reconhecer no outro a necessidade mais profunda e humana de sustento, seja ele físico, emocional ou simbólico. Na Soluções, acreditamos que a alimentação vai muito além da oferta de nutrientes: é também uma forma de promover vínculos, de semear pertencimento e de nutrir a vida em todas as suas dimensões.

Por isso, participar do *Prêmio Moutonné de Poesia* é, para nós, uma alegria e uma honra. Este projeto, nascido no coração da cidade de *Salto*, é mais do que uma celebração da palavra escrita, é um gesto de compromisso com a cultura, com a educação e com o desenvolvimento humano. A poesia é alimento da alma, e quando uma cidade valoriza seus poetas, está, na verdade, cultivando sua própria vitalidade, sua memória e sua esperança.

Em cada verso, há um modo de ver o mundo; em cada metáfora, uma possibilidade de transformação. A literatura, como a boa nutrição, nos convida à experiência do sabor: saborear ideias, emoções e imagens que se entrelaçam e nos lembram que somos feitos de corpo, sim, mas também de sonhos, sentidos e significados. Apoiar a

poesia é, portanto, acreditar que *a arte também nos sustenta*, que ela é essencial para o florescimento de comunidades mais sensíveis, criativas e humanas.

Investir em cultura é investir na formação integral das pessoas. É compreender que escolas, praças, cozinhas e bibliotecas podem ser igualmente espaços de aprendizado, convivência e partilha. É entender que a poesia, assim como o alimento, nasce do gesto generoso de oferecer o melhor de si ao outro e que ambos têm o poder de transformar realidades, aquecer corações e gerar encontros.

A Soluções acredita que o cuidado com a alimentação escolar é parte de um projeto maior: o de *nutrir vidas com propósito*. Por isso, ao apoiar iniciativas como o *Prêmio Moutonné*, reafirmamos nossa convicção de que alimentar é também *inspirar*. Que a arte e a educação caminham de mãos dadas, e que o sabor das palavras pode ser tão essencial quanto o aroma de uma refeição bem preparada.

Que este livro seja, assim, um convite à pausa, à contemplação e ao encantamento. Que cada poema desperte em quem lê o prazer de sentir-se parte de uma cidade viva, que respira cultura e acredita na força transformadora da expressão humana. E que o ato de ler, como o de compartilhar uma mesa, continue a ser uma celebração do encontro, da generosidade e da vida.

SOLUÇÕES SERVIÇOS TERCEIRIZADOS

Comissão Julgadora • 2025

Coordenador da comissão

FABIANO ORMANEZE

Professor universitário, jornalista e escritor. Doutor em Linguística e mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Jornalista pela PUC-Campinas. Professor permanente do programa de pós-graduação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Unicamp, ligado ao Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri) e ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Fez pós-doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão na Universidade Federal Fluminense (UFF). É coordenador de curadoria de conteúdo do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta) e membro da Academia Saltense de Letras (ASLe). Autor de diversos livros, entre eles, as biografias do geógrafo Milton Santos e do escritor João do Rio, ambos pela Editora Mostarda.

Membros do júri

ÉRICA ARAIUM

Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista pela PUC-Campinas, especialista em Jornalismo Literário, Branding e Marketing, áreas em que atua como consultora. É a artesã das palavras à frente dos projetos “Diálogos Comestíveis” e “Motivos para Dialogar”. É autora do livro “Diálogos Comestíveis – porque todo comer é você quem desenha” (Editora Dialética).

JP HERGESEL

Doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Mestre na mesma área pela Universidade de Sorocaba (Uniso), onde fez também a graduação em Letras. Escritor e editor, é professor da PUC-Campinas. Dedicar-se à produção literária, especialmente infantojuvenil, e à pesquisa sobre narrativas, com foco no estudo do estilo. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, tem dezenas de prêmios literários na carreira.

OTAVIO TADEU ALVES PEREIRA

Natural de Águas de Lindóia, é graduado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor de Língua Portuguesa para os ensinos Médio e Superior no Grupo Anchieta, em Jundiá.

2025

**POESIAS
PREMIADAS**

Categoria Juvenil



1º LUGAR – JUVENIL

LUAN HENRIQUE DE FIGUEREDO

Salto/SP

Ampulheta de um Homem-Flor

Brota o homem como bela flor do campo
(Dez mil grãos de areia, intermináveis).
Desabrocha, desconhece o pranto
(Mil ainda restam, incontáveis).
Entorpece, seu aroma santo
(Ainda há cem, intocáveis).
“Não se acabará o canto”
(Dez, consideráveis).
Enfim o último grão
Chegou ao centro
Da ampulheta.
E era um cardo do deserto.
Interminável aridez em carne.
Lágrimas a fio, e atrofia, de certo.
Incontáveis chagas, sob o sol ardem.
Entorpece o fedor, que a morte está perto.
Intocáveis seus últimos dias, ainda que os fraude.
E então, sem mais nem menos, mas não sem aviso, o canto se acaba.

Não resta nada.



2º LUGAR – JUVENIL

CECÍLIA OLIVEIRA DA SILVA

Salto/SP

Desapego

Resta o eco,
não o grito.
O rastro da onda,
não o mar que se agitou.

Resta a fotografia,
mas não o instante.
O perfume esquecido
num casaco guardado.

Resta o silêncio
entre palavras partidas,
à carvão seco,
que um dia aqueceu.

E talvez seja isso:
o tempo não guarda coisas,
apenas vestígios,
rastros,
suspiros.

A lembrança que insiste,
que segue batendo
entre o antes e o depois.



3º LUGAR – JUVENIL

ELOAH PINHEIRO DE OLIVEIRA

Salto/SP

Memórias (com)passadas

Quando olho para trás,
espelhadas nas telas da memória,
agora em preto e branco,
outrora coloridas.
Conjunto harmônico das lembranças
remetem ao tempo das crianças,
vibram o corpo por dentro,
deixam gosto quando na boca adentram.
E a carga que me traz
é a vontade (ilusória)
de voltar ao passado em um piscar de olhos
ao momento das lembranças queridas.
Me aconchego na nostalgia
e sinto o pesar daquele tempo,
volto à realidade crua e fria,
deixo a saudade apenas no pensamento.
Hoje o que resta é somente um lapso,
mas isso me constrói como indivíduo,
porém com sentimento ambíguo
de voltar na vida, como na música, volto um compasso.



4º LUGAR – JUVENIL

ALICE DE SOUZA VIANA

Três Pontas/MG

O que ainda restou de você em mim

O tempo não levou minha saudade,
me deixou presa, sem liberdade.
Sigo carregando você no peito,
teu nome gravado, firme e direito.

O riso ficou na fotografia,
a dor nas palavras caladas,
lembrança embalada em melodia,
e as promessas não realizadas.

Roupas sem dono no armário,
cartas sem fim nem endereço.
O tempo é um pássaro solitário,
carregando o que não tem preço.



5º LUGAR – JUVENIL

TÂMARA PEREIRA MARTINS

Baixa Grande/BA

Raizes de um silêncio que ainda fala

Oi, pequena Tâmara,
flor subterrânea,
pulso antigo que resiste em silêncio.

Perdão por não ter sido muralha,
por ser criança cega à própria sombra,
na noite dura do trauma,
onde o medo espelha fragmentos quebrados.

Hoje sou voz que descasca feridas,
mão que não se afasta,
Olho que abre frestas no silêncio.

Chora,
que o pranto lave a argila antiga.
Grita,
que o eco dilate o peito.
Cala,
que o vazio seja abrigo.

Somos raiz que fende o escuro,
que insiste em florir no inverno.

Pequena inocente,
não carregas culpa,
mas o peso brutal de força demais, antes da hora.

Agora descansa.
Sou o solo que renasce,
o abrigo que aprende a delicadeza,
para te manter inteira e viva.

Obrigada por resistir,
por ser flor que não murcha.



6º LUGAR – JUVENIL

DANIEL EUGÊNIO DE ALMEIDA

Salto/SP

Ruínas do tempo

O tempo construiu, o que hoje são ruínas,
as horas correram sem dó nem piedade,
cicatrizes escondem faíscas,
tais quais da minha antiga vontade.

As lembranças resistem, presas ao chão,
mesmo mortas, insistem em respirar,
mesmo soterradas com peso de tradição,
do que já foi meu e resiste em voltar.

O tempo me arrasta, nunca se explica,
traz ordem e caos na mesma prisão,
e o que já passou, ainda me implica,
ferida que pulsa sem pensar em explicação.

Evito pensar no que passou,
tentar seguir em frente,
mas olho para trás e penso “o que eu sou?”
sempre andando sem rumo, indiferente...

Ventos de anos atrás,
soam com nostalgia,
aquela felicidade que traz...
em que leva minha apatia.



7º LUGAR – JUVENIL

HELENA BERGANTIN DE PAULA

Salto/SP

Vestígios

O que resta do que passou
não é o corpo inteiro dos dias,
mas cacos de memória
que brilham como vidro ao sol.

O tempo mastiga as horas,
apaga rostos,
desmancha vozes,
mas deixa no silêncio
um rastro que não se desfaz.

O que passou não retorna,
mas pulsa nas frestas do agora:
um cheiro esquecido,
um nome sussurrado,
um gesto repetido sem pensar.

Do que o tempo levou,
ficamos nós,
metade ausência,
metade permanência.

Porque o que resta do que passou
não é perda nem ganho,
é cicatriz aberta
que ensina a pele
a nunca ser a mesma.



8° LUGAR – JUVENIL

MATHEUS FERNANDES VELAZQUEZ

São Gonçalo/RJ

Fragmentos ao tempo

O tempo se passa, e com ele se vão as certezas que ontem moravam em nós, aprende-se, entre silêncios e dores, que dar a mão não prende, e amor não faz de ninguém herói.

Beijos não selam destinos, promessas não juram caminhos, e no eco do travesseiro ficam vozes, perfumes e antigos carinhos.

O tempo flui como rio impetuoso, levando fragmentos de quem fomos um dia, deixando nas margens memórias sutis, como rastro de uma antiga alegria.

Há relíquias na alma que o tempo não apaga, por mais que tente esquecer, o toque de mãos já frias, um abraço antigo, um cheiro que insiste em renascer.

Resta no arrebol do céu o sinal de que todo fim carrega recomeço, e mesmo o que a dor marcou no peito, se transforma em flor e em apreço.

Porque há detalhes do amor que o tempo não desfaz, e na memória viva do sentir, seguimos... um pouco ontem, um pouco mais.



9º LUGAR – JUVENIL

LETÍCIA OLIVEIRA DE SOUSA
Osasco/SP

Julieta, encontre meu relógio

Julieta! Meu precioso relógio
Lhe escrevo e pergunto: quanto *tempo* me resta?
Tanto tempo perdido
que me oferecem até horas extras.
Enquanto abro um correio recente, recordo...
Ansiava pelo envelope antigo, selado com cera.
Sem permissão o medo inibiu minha felicidade
lembro dos beijos de garoto, através do tempo.
Pergunto-me: como estaríamos se eu fosse mais...?
Não tive resposta, mas eu *sinto*.
Segui, mas nada iguala a *emoção* de Verona.
Julieta me dê uma chance,
que digo do mais profundo eu.
O relógio não para, o “*e se*” ecoa.
Julieta encontrou meu relógio, depois de anos.
Logo, não há tempo para mais “*e se*”
refiz nosso destino, precioso.
Me esperou, querido.

Sou grata, mas não há mais tempo com meu Romeu.

Agonizo por mais ao seu lado.

O tempo é cirúrgico.

Se eu complicasse menos, teríamos *tudo*.

Hoje, os relógios param, não badalam.

Não me arrependo da vida, apenas do encontro *tardio*.

As peles de vidro repousam, cristalizadas na eternidade.

Ainda temos *tempo*?



10° LUGAR – JUVENIL

MILLENA MARTINS DE LIMA
Itu/SP

O Largo do Tempo (Ode à Pressa)

A fútil riqueza das coisas
Estão no depósito do Largo do Tempo.
Coisas que colecionamos
Coisas que sonhamos
Coisas que fazemos.
Mas todas elas
Não passam de bugigangas
Diluídas no âmago do efêmero.
É tempo de plantar
É tempo de colher.
Tudo ao mesmo tempo,
Todos no mesmo Largo
No mesmo espaço de tempo.

Meus amores soterrados,
Minha devoção legendária
Queimando e desaparecendo
No meio tempo

Entre o não-tempo e
As façanhas do
Largo do tempo.
Ser ou não ser?
Desaparecer.

Que sobrou para nós?
Restam sentimentos
Planos e pensamentos
Sobre coisas e não-coisas
Que poderiam ser
E não foram
Pois já se foram
E portanto,
Nunca mais serão.
Maldição!

Anseio ser atemporal,
Fixada no tempo
Apressada pelos ventos e temporais:
Vivendo uma pressa
Empírica e Sobrenatural.
E com uma mistura de repúdio e anseio
Proclamo:

Pressa.
Aleluia!
Mas Deus nos livre dela.

Por fim,
Eis que vos digo:
Rezem pelo meu sétimo dia
Pois apressada morro na travessia
E não sobrevivo a tempo
De superar o Largo do Tempo.



11º LUGAR – JUVENIL

ISADORA RAPOSO DE MATOS BEZERRA
Jaboatão dos Guararapes/PE

Deste túmulo-corpo

Do cruel escoar das horas,
Que a sentença do relógio conduz;
Do marchar do destino tenaz,
Que ficou?

De mim, de ti, de nós,
Tentando transpor o cárcere do presente
Vassalos do tempo algoz,
Que ficou?

Túmulo talvez;
Que, se somos hoje,
É porque deixamos morrer
Os outros dantes.

Mas quando não mais se é,
Nem se será,
Que é que ficará?



12º LUGAR – JUVENIL

ANTONELA GUIDI SCALET

Salto/SP

Restos do tempo

O tempo corre, e a vida se despede,
levando sonhos que ficaram no chão,
resta a lembrança que nunca cede,
um eco vivo no meu coração.

As horas passam, não voltam jamais,
mas deixam marcas em cada momento,
fragmentos doces, pedaços de paz,
misturados ao sopro do vento.

O que se foi ainda insiste em ficar,
nas vozes antigas, nos olhos cansados,
no cheiro da casa, no jeito de amar,
nos risos perdidos, nos passos guardados.

E assim seguimos, com o tempo na mão,
carregando restos de tudo o que fomos,
tecendo o agora com fios da paixão,
eternos mortais, mas vivos nos pomos.



13° LUGAR – JUVENIL

MARÍLIA GRONINGER ROCCHI DE OLIVEIRA
Salto/SP

Comfortably Numb

Tocando vinil de título
Meu tio, sempre um grande amigo
Disse “quero que vá comigo”
“Ver Roger Waters em São Paulo”

Um sorriso, não deixei de abrir
Há anos assim eu não sorria
Para minha mãe eu insistia
Em ouvir o Roger se exhibir

Depois de meses, com todo dia
Eu provei que meu esforço valia
Em novembro, fui lá no estádio

Um sonho então se realizou
Até hoje, tristezas acalmou
Por memórias deste cenário.



14° LUGAR – JUVENIL

ALINE LEÃO DINIZ
Oliveira/MG

CtrlC CtrlV

Estamos em um mundo
Onde não há distinção entre passado, presente e futuro
Não há nada de novo
Somente problemas velhos, com caras novas

O futuro é condenado
Por erros cometidos no passado
Os jovens de hoje, serão os de ontem, e os de amanhã
Nos jornais, somente velhas novidades

Tratam os problemas como se tivessem começado ontem
Guerras, como se tivessem sido inventadas esse ano
(Não deu tempo de criarem uma solução)
Aquecimento global, um imprevisto inesperado
Fome e miséria, só semana passada, haviam começado

No final das contas,
O que resta do passado, é o presente

E quando o hoje se tornar amanhã
O que sobrar será chamado de futuro
Mas a única mudança que ocorre, é no nome
Porque é mais fácil dar CtrlC CtrlV no velho
Do que correr atrás do novo.



15° LUGAR – JUVENIL

SOPHIA CANGUSSÚ DE OLIVEIRA CRUZ
Salto/SP

A vida

Nascemos
E conosco carregamos
A esperança e legado de outros.

Vivemos
Gostos
Dessabores
Oportunidades – e suas faltas
Acertos
Erros
Um constante enriquecimento
De nossa história.
Nos relacionando
Experimentando
Sentindo
Permitindo-nos sonhar
Realizar
Concretizar desejos

E honrar
Aqueles que temos uma dívida
Que durante
Toda a batalha estiveram ao nosso lado
Nos amaram, cuidaram e aconselharam.

Envelhecemos,
E desfrutamos do que conseguimos
Orgulhando-nos de nossos feitos
Ressentindo-nos
Por cada oportunidade que não utilizamos
E com leveza,
Regozijamos a última etapa:
O finda
E com sabedoria instruímos
Aqueles que um dia iremos deixar...

Morremos
Assim como todos
Com nossas marcas na história
a vida de alguém
Deixamos a saudade e a memória.
A vida nada mais é do que
O deixar ir
Aproveitar o momento
E em algum tempo é
O resto que se foi
E o que jamais será.



16° LUGAR – JUVENIL

MIGUEL FRANCISCO SOMBINI
Salto/SP

Na cama do leito

Caro tempo que me para
me fita e me controla
me apressa e preocupa
não passa quando hora

sem esperança
no tato mergulho
sensível ao toque
corpo frívolo

bendita época
maldito eu
gratidão ao meu viver
mas que não gozou do seu

se a eternidade existe
dou adeus ao tempo
terrível inconveniente
fez eu me atrasar



17º LUGAR – JUVENIL

GIOVANNA JACOB FARIA CARDOSO
Arcos/MG

Tempo

O abismo engolira aquele ser que nascera e morrera cativo,
dos preceitos familiares, entrelaçado aos passos,
desnorteados e trilhados por antigas gerações.
Cativo de muitos deuses inescrutáveis,
e de suas vontades, tenuidades.

Era prisioneiro desse Deus,
que se despia em várias roupagens, e
os seus adoradores agarravam-nas.
Os segundos, os minutos e séculos,
eternizavam o momento, não compreendiam que
ele tinha sua própria sinfonia.
Aquele ser cativo era só mais um daqueles temerosos filhos,
martirizados pela sua passagem.

Agora a embarcação passava no berço dourado das
decrépitias civilizações, que outrora tentaram colonizar
o tempo com a conquista de nações, ou inovações.

Esse se transformou em chuva de prata e carcomeu o metal, e
dissolveu a pele e a soberba beleza.
Mas o Tempo não varreu a tristeza.
Atuou e fustigou a úlcera daquele ser,
que era também cativo de si, aprisionado em sua própria mente
E no mar morto de possibilidades de quem era e poderia ser,
este ser chamado passado.



18° LUGAR – JUVENIL

KALEL RODRIGUES DE SOUZA

Mirassol/SP

Deferência

o fim dos tempos é a magnum opus divina
o santo cálice afastado do cosmos em mania
porém, os tempos são teimosos e nunca acabarão
até que acabe o último sono e se acorde do último sonho
os tempos durarão até que haja vida em plenitude
até que se faça vida sobre tudo e todas as coisas
de modo que o viver seja tão vivo que seja rude
em todo canto do universo, no verso de todo canto

é fato que os ponteiros do relógio seguirão
pois haverá sonho enquanto houver pesadelo...
não é exagero: há sonho enquanto há morte
ah, a morte, embora não pareça, é pura sorte!
o medonho devaneio das covas é apenas sonhar
não brotam árvores sobre prisioneiros cadáveres
as larvas comem seus corpos, caem seus cabelos
suas peles apodrecem, seus rostos perecem
mas prosseguem em uma eterna divagação

onde tudo é feliz, ou simplesmente não
onde tudo é inexplicável ou totalmente palatável
onde tudo é uma grande e infértil previsão
de um futuro que certamente não ocorrerá.



19º LUGAR – JUVENIL

RICARDO CELLI PARRA

Salto/SP

Cicatrizes do tempo

No silêncio da noite fria,
ecoam vozes que já se calaram,
lembranças presas na ventania,
sussurros de vidas que se apagaram.

O chão guarda marcas de dor,
rastros de sangue e de partida,
um passado que gritou em clamor,
mas deixou cicatrizes na vida.

As mãos vazias buscam consolo,
nos escombros do que se perdeu,
esta o pó, o pranto e o solo,
e a memória do que não se esqueceu.

Do trágico resta a lembrança,
como sombra que insiste em ficar,
mas também nasce a esperança,
de aprender, de seguir, de lutar.



20° LUGAR – JUVENIL

GABRIEL GIOVANNI MACIEL

Salto/SP

O passado que não me pertence

E se?

E se o tempo passasse mais rápido?

E se passasse mais devagar?

Eu preferiria que o tempo ficasse parado.

Se isso acontecesse eu dançaria na chuva

Eu brincaria com meus avós

Eu faria disputa.

Mas o tempo passou

A chuva terminou de cair

E o relógio andou.

O que restou do tempo que passou?

Lembranças de um amor avoengo

E a dor de coisas que o tempo levou.

2025

**POESIAS
PREMIADAS**

Categoria Adulto



1º LUGAR – ADULTO

LILIAN DE SOUZA ARAÚJO
(LILLY ARAÚJO)
Taubaté/SP

Planos

Tenho tentado domesticar os meus demônios
escrevendo seus nomes em papéis aleatórios.

Aleatórios assim como meus pensamentos
sobre mim,
 sobre a vida,
 sobre você,
 sobre ontem,
 sobre um amanhã que
 não sei se chegarei.

Tenho feito planos
anotados na face d'água
com um pedaço de graveto
que no inverno
se desprende facilmente da mãe.

Tenho sido uma mulher mediana.

Mulher de meia idade,
de sonhos inteiros.
sonhos grandes.
Mas com pernas curtas demais!

E tenho sangrado cada vez menos vida.
Sinalizando que
meus ciclos se desvanecem,
assim como meu cerne.

Tenho corrido,
mesmo com essas pernas
tão mal dimensionadas
em relação aos meus sonhos,
e, nos caminhos,
não apenas pedras,
mas luzes. Muitas luzes!
que encurvam as formas,
alongando silhuetas.

E me fazem, às vezes,
só às vezes,
Enxergar-me tão

grande.



2º LUGAR – ADULTO

THAISE NASCIMENTO CUNHA
(THAISE LIS NASCIMENTO)
Osasco/SP

Leopardo-das-neves entre as folhas do agora

O tempo, fera afásica — não ruge:
respira nas dobras da tarde,
onde a sombra do que foi ainda urge.

Não é flecha, é garra incisiva. Arde,
febre que recua sem alarde.

Há musgo crescendo em memórias antigas,
e a infância, desbotada em faróis,
surge agora em portas fendidas.

Um pai assobia num canto e parte de vez.
Um vestido balança no varal do pranto,
e o vento sabe vozes que o lapso desfez.

O tempo se curva,
dissolve-se em cheiro de café esquecido,
em cartas manchadas.
O ontem volta disfarçado,
o hoje se veste de promessas quebradas.

O tempo é leopardo-das-neves:
passa furtivo,
em branco quase invisível,
só se revela à beira do repouso.
Vivemos de rastros,
um relógio velado dentro do bolso.

Há coisas que não morrem:
marcas impressas no corpo,
uma fé que nunca dorme,
olhos altivos ao alto,
suplicando que os acordem.

Mas o tempo foge, nos esquece.
E, mesmo assim —
seu rastro permanece.



3º LUGAR – ADULTO

JOSÉ WALTER MOREIRA DOS SANTOS

Vitória de Santo Antão/PE

Exercícios sobre o tempo

Nesta era de matemática aplicada,
De *bytes* e *bits*, de robôs que pensam
E de *chips*,
Quero fazer coisas tolas.

Nesta era de extremos
Quero o caminho do meio,
O tolo exercício de sentar-se à praça,
E tomar nota de versos, escrever cartas aos amigos.

Nesta era de vulgarização da luz,
Do frio e agressivo brilho das telas dos computadores,
Das tevês gigantes, dos plasmas que recobrem edifícios,
Que transmitem ao vivo a bomba e seus gritos,
Quero a pedra, o lago, os círculos concêntricos da água,
Quero o escrevinhar do graveto na areia,
Reler os versos impressos no papel amarelado
Do livro deixado por meu avô.

Nesta era de velocidade,
De voos sem escalas para Frankfurt,
Quero uma rede, a enseada às seis da manhã,
A singela tarefa de catar conchas vermelhas
Só para jogá-las de volta n'água.
Nesta era de paraísos artificiais,
Onde a maçã ainda é nociva,
Tão cheia de agrotóxico,
Nesta era congestionada
De carros, gentes, barulho e informação,
Quero o silêncio que sobrevém ao poema.



4º LUGAR – ADULTO

RAÍZA SARAIVA MILFONT

Recife/PE

Muitas metades

sou muitas metades
pedaços fragmentos
de histórias que vivi

pedaços fragmentos
de outras que já fui

pedaços fragmentos
de pessoas que passaram
por mim

sou muitas metades
uma concha de retalhos

pedaços fragmentos
que me formam
assim

: inteira



5º LUGAR – ADULTO

WILLIAM ROCHA MAXIMINO DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro/RJ

Nas dobras da memória

Tenho guardado nas dobras da mente
umas latas velhas de infância,
um quintal que cheira a sabugos
e palavras que minha avó costurava com linha de vento.
O retorno do que passou
anda de bicicleta sem guidão
pelas ruelas do meu pensamento.
Não pede licença, só entra —
feito passarinho que sabe onde é ninho.
As preciosidades do que passou
têm gosto de jabuticaba escondida no mato,
de banho de bacia no meio da tarde,
e de conversa de formiga com Deus.
Mas o tempo —
esse bicho que desaprende os caminhos —
resolveu que era hora de mudar o cheiro das manhãs,
trocar os chinelos por sapatos apressados,
nos empurrar pra frente como vento em porta de zinco.

E eu, perguntador de vazios,
insisto:
Tempo,
o que nos resta do que passou?
Talvez um punhado de inutilidades sagradas:
pedras que conversam,
frases tortas que viram reza,
lembranças que cabem numa casca de noz.
Ou quem sabe
resta a habilidade de conversar com o chão,
e rir à toa
com as coisas que não servem mais pra nada —
mas que ainda me constroem.



6° LUGAR – ADULTO

MARVEN JUNIUS DA COSTA FRANKLIN
Tartarugalzinho/AP

Balada do vento — em retalho

I

tempo —
é o que resta
do que foi *silêncio*
(eco suave
do braço de mar
que não regressa)

II

folha seca,
que baila
no hálito do vento
(beijo abrigado
no vinco
do *instante*)

III

tempo —
é a sombra
que dança
dentro do cristal
(rastros fugazes
que esvaece
& sempre insiste)

IV

é a *fragrância*
da casa,
o olhar que se abafa
(riso que demora
na curva
da *lembrança*)

V

é voz mansa
do relógio,
o sussurro de *mnemosyne*
na dobra da pele,
toque de *eternidade*
no breve momento
(um segredo
tecido por *cloto*
com fios de vento)

VI

ah —
o que resta
do *tempo*
senão
esse toque?
um instante suspenso,
que nunca se foi
— o que ficou
no olhar
que olha
para trás
— um sonho
que ainda dança
no *escuro*.



7º LUGAR – ADULTO

SCHLEIDEN NUNES PIMENTA

Bernardino de Campos/SP

O sumo das pitangas caídas

Fica o gosto de infância a exalar da pitangueira
no quintal.

Fica o aniversário de cinco anos junto a amigos
que nunca mais vi.

Fica o desespero ao saber que meus pais, um dia,
também subirão aos céus.

Fica a blusa usada na escola até no verão pra
ocultar os meus quilos a mais.

Fica o vazio dos irmãos indo embora sem deixar
mais ninguém no lugar.

Fica o terror das palmas batidas de madrugada na
janela da sala.

Fica o sabor das pitangas nunca comidas pois
caíram no chão.

Fica o sonho de ser artista ainda hoje bloqueado
na conta bancária.

Fica a alegria dos sanhaços no limoeiro que já
estão em outra encarnação.

Fica a borboleta imorrível do estômago me
acusando de não ter feito mais.

Fica a criança olhando as pitangas caídas à espera
que elas retornem pro pé.

Fica o filme que foi e em que estive, cujo áudio
ruiu e a legenda apagou.

Fica tudo, absolutamente tudo, à exceção de mim
que já me vou.



8º LUGAR – ADULTO

PRISCILA MONTEIRO SANTOS

São Paulo/SP

25:01

Tempo
Para
Tempo
Corre
Tempo
Para
Tempo
Corre
Tempo
Existe?
Tempo
Inexiste...?
Tempo
Invenção?
Tempo
Solução?
Tempo...
Tempo...
Tempo...

Tempestade
Temperamento
Temporã
Tentativa
Tempo...
Tempo...
Tempo...
– Tempo,
PARA!
– Tempo:
CORRE.
– Tempo,
por favor,
apenas se move.
– Tempo
Move
Tempo
Move
Tempo
Move
Tempo...
Passa tempo
passa tempo
Passarrrrrrrr
Passáro
Passáro
passáro tempo
voa voa voa voa
movimento
tempo.



9º LUGAR – ADULTO

MARIANA SIQUEIRA DAHER

São José do Rio Preto/SP

Fragmentos

Do tempo que é passado
Passamos de ser inteiros
Para colar fragmentos

Cada recorte de gente
Que a nós se une, na manhã,
Funda um novo ente

Restos, sombras, novos,
Velhos, luz, memórias,
Pedaços, dobras, curvas

Sem que baste a carne nua
Somos também os resquícios
Do que em nós se pendura.



10° LUGAR – ADULTO

RAFAELA APARECIDA SCHENDROSKI SILVA
Santa Bárbara d'Oeste/SP

Entre o fio e a falha

Resta o cheiro do café que não fiz,
Um eco de riso na xícara,
a manhã que deixei dormir na cozinha.
Resta o som da risada que não gravei,
a pontinha da carta rasgada na gaveta errada.
Resta um quintal que não cabe na varanda,
o vestido que não usei, a dança que ficou pra depois.
Resta a falha da memória, tão precisa
que dói mais que lembrar inteiro.
Resta meu nome no canto de um caderno
onde prometi ser melhor, ser outra, além.
Resta a voz da minha mãe chamando
num domingo que ninguém recolhe.
Resta o retrato de um rosto que não me cabe,
os ponteiros do relógio que herdei parados,
um fiapo de sol dormindo na parede.
Resta o que deixei cair nos bolsos:
as chaves, os planos, as datas.

Resta esse poema mastigado devagar,
feito migalha de ontem na boca de agora.
E se tudo passa, resta esse susto:
saber que o tempo não leva embora,
só esconde — e devolve, quando quer,
a parte de que a gente finge que se esqueceu.



11º LUGAR – ADULTO

AIRTON VIEIRA DE SOUZA

Brasília/DF

Pra frente

Olha pra frente, atrás vem gente
E os compassos figuram desleais
E já topa a turba o seu passo
Em desconexo carnaval
E o que será de tua estrada
Ao fim da via que partiu?
O espelho desvela, sereno
As teias de um curto circuito que teceu

Olha pra frente, atrás tem lado
E os esquadros figuram desreais
E já tange a fina flor seu laço
Em marca-passo terminal
E o que será da primavera
Desfolhado gineceu?
O ponteiro desnuda, soturno
Os segundos de um transcurso que partiu

Olha pra frente, atrás jaz hera
Quimera querer olhar pra trás
Folha seca em chão de estrelas
Outrora “ois”, agora “ais”
E o que será da alegria
Em que o belo dia não cantar?
Chapéu, bengala, luz, ribalta
À espera de um vagabundo pra dançar...



12° LUGAR – ADULTO

JOÃO ELIAS ANTUNES DE OLIVEIRA
Taguatinga/DF

Tempo

Sento-me sobre
a memória
e uma invasão
de gritos
e cães latindo
e cuspir de pombos
tentam escalar
o tempo de meus olhos,
agora abertos,
para o tempo
(o tempo infinito?)
que ronda meus quintais
como um cão
 raivoso,
ou uma borboleta tatuada
nas nuvens do peito
indefeso de tísico!
Oh, horror de espelhos!

Como olhar
 para mim mesmo,
fora das razões da fala,
como réplica muda,
dinamite humana,
lento relógio?
Como olhar para
os rastros perdidos
nas areias da vida?



13° LUGAR – ADULTO

**RHOANITA ESTIV JERONIMO
DA SILVA DE PAULA**
Curitiba/PR

Inventário do Efêmero

A areia no relógio desce, fria,
e no vidro – só o riso do que foi.
Guardei migalhas do que a vida cria:
um laço azul, a carta que não li,
o verso solto no caderno morto...

O tempo é um ourives a retorcer
lembranças em colares de fantasma.
Resta o cheiro da chuva no deserto,
o nome apagado na parede úmida,
o eco de um adeus sem volta certa.

Carrego o vão: herdeiro do que passa
e escavo ossos de instantes no escuro.
No peito, só o pó do que não passa.



14° LUGAR – ADULTO

ANTONIO DONIZETI DA CRUZ

Marechal Cândido Rondon/PR

os cem olhos de Argos e essa dor maior

as abelhas zunem em círculos, esferas
fogo tênue e límpidas miragens, o ar
que o tempo veste em azul-carmim, os rios
em movimentos, águas e peixes-cristais
a sombra, a fina teia da aranha, o sol
que aquece, vida-flor e ventanias
o ouro-terra e as folhas das palmeiras
líricas imagens, tecidos rotos e brancas nuvens
tempo circular, os traços fortes, marcados
nas pedras, o jardim, a fenda – o mar
os olhos e paisagens, o verde
o azul mais forte, cristais gerânios



15º LUGAR – ADULTO

ELVIRA GLÓRIA DRUMMOND MIRANDA

Fortaleza/CE

Alzheimer — réstias do tempo

O tempo — usurpador de sua história
— sombreia, pouco a pouco, o seu passado,
minando, da ilusão premonitória,
seus ontens, num conjunto enevoadado!

O tempo varre cenas da memória
e esgarça o fato mais inusitado...
vestido de borracha, apaga a glória,
deixando só vazios no traslado.

Mas, em algum lugar do pensamento,
há réstias do que resta... e o sentimento
aflora, ao escutar nossa canção!

Seu rosto, de repente, se ilumina
e recupera o viço de menina,
valsando em nosso palco de ilusão!



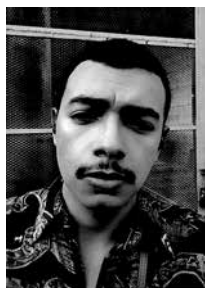
16° LUGAR – ADULTO

SELES PEREIRA GONÇALVES

Belo Horizonte/MG

Estalo

Tempo é aquilo que passa
Lentamente em dor
Ligeiramente em alegria
Literalmente
Letalmente
Entre o choro na maternidade
E o lamento na sepultura



17º LUGAR – ADULTO

ANDRÉ FELIPE SOARES FOLTRAN

São José do Rio Preto/SP

Dos temporais

Mamãe punha blusa e luvas
quando o tempo trovejava,
e eu sem saber se era a chuva
ou o meu pai que chegava...

E no apagão da rua
só o relâmpago alumiava:
mamãe no chão, vista turva,
lutando com a chuva brava...

Quando o temporal passava,
dia claro, eu encontrava
telhas, brincos no gramado.

E de cada tempestade,
nas estantes da orfandade,
guardo um souvenir nublado.



18° LUGAR – ADULTO

ADAÍLTON ALMEIDA DE SOUSA

Passos/MG

Outono paradoxal

Anexo ao vento,
misturo-me aos tons de marrom e amarelo,
meu corpo flutua, longe da densidade presente,
minha mente reverbera nos cômodos do passado.

Vejo a mangueira e seus frutos mordiscados por aves e saguis,
vejo também a jabuticabeira salpicada de pontos negros e reluzentes.
Não são pontos finais:

Reticências.

Anexo ao tempo,
prolongo-me em um temporal onde memórias despencam,
meu corpo é beijado por lembranças, não trago guarda-chuva,
meu olfato dança com aromas nostálgicos da cozinha de domingo.

Vejo mãos pequenas e grandes lançarem grãos de milho ao ar,
vejo galinhas fazendo motim para beliscar grãos dourados, como se
ouro fossem.

Não é riqueza:

Tesouro.

Anexo ao momento,
entre tons de marrom, amarelo, tons de memórias,
secam-se as folhas, seca-se o tempo, seca-se a infância,
mas, no leito dos meus olhos, as margens ainda são úmidas de afeto.



19° LUGAR – ADULTO

ANTONIO EZEQUIEL ALVES VIEIRA

Fortaleza/CE

dentro de você
dentro de você tinha verde
chão de cor de beijo
cheiro de folha quando cai de tardezinha
dentro se você tinha um mar que batia
com os mesmos sons de seu coração de guarda-chuva
dentro de você tinha água doce
que corria pelos quintais frescos da sua pele terra
dentro de você todo emaranhado era sorriso aberto
era aroma de café meio amargo
bolo de morango
dentro de você tem janela aberta
tem saudade
tem boa noite e longas manhãs de calmaria
dentro de você
quase fiz morada
de colo manso-maresia
de azulada gentileza e fala lenta
dentro de você perdi as chaves
que não encontrei mais

dentro de você perdi o gosto
do caju
nem a trava, nem o amarelo
dentro de você vi nuvem
cheia de quase águas
sem precipitar, sem marejar
sem regar, sem deixar ir
dentro de você sentei na sala
de entrada
onde melancolizei quase todas as verdades de mim
dentro de você gozei martírio
forcei a tranca
mordi a língua
rangi os dentes
dentro de você



20° LUGAR – ADULTO

FÁBIO KAWATI
Sinop/MT

Laboratório do tempo

No laboratório do tempo
as reações se propagam
na cinética das lembranças,
no compasso da saudade!

Abraços catalíticos,
sorrisos hidrolisados,
gestos sublimados,
medos evaporados!

Na bioquímica do tempo,
a saudade é um produto
do processamento da alma,
da eletrólise dos abraços!

Nitratos de harmonia,
cloretos de bondade,
sulfatos de paciência,
fosfatos de felicidade.

O aroma das reações
na síntese incólume das vozes,
propagando-se nos versos,
delineando corações!

A combustão do tempo,
reação altamente exotérmica,
não tem pudor,
não tem piedade!

Que a massa molar da tristeza
possa ser menor
que a sinergia da fé
e a esperança de uma criança!

O amor é o que nos resta
de tudo que já se passou.
Ele não se decompõe,
não se oxida!

O tempo é tão curto,
não tem tempo para parar,
não tem tempo para si mesmo,
não tem tempo para mais tempo!

2024

**POESIAS
PREMIADAS**

Categoria Juvenil

1º LUGAR – JUVENIL

ISABELLY TEODORO MOREIRA DA SILVA

Salto/ SP

Gaia

Qual é a tua? Australopitecos.
Eu, sufocada pelos anseios de intoxicação,
escondo-me das vontades desnaturadas
do ser dizente de inapta especiação:

Camões nascendo em curva de rios,
Flores Belas que espancam Marias da Penha,
luas escaldantes e sois muito frios.
Desde que, e lógico, me convenha.

Perco-me constantemente em um templo que rui,
e contra vontade, adapto meus sentimentos.
Substituta de um original que nunca fui,
Apodrecida com meus ornamentos.

Ouçam-me dando alertas para tolher.
Luto para não ser estagnada
e seca, em lágrimas querendo crer
que não grito à beira do nada.

2º LUGAR – JUVENIL

KAREN SOUZA

Curitiba/ PR

Unindo Dores

Dormi. Como toda noite faço.
Acordei perdida de mim.
Se me afogo num pranto sem fim,
O sofrimento me carrega nos braços.
Noites e dias perdem sentido:
Morro a cada alvorecer.
Vejo, triste, sempre comigo,
A natureza se compadecer:
“Como podes tu ser lúgubre assim?”

Acompanhando meu choro, a tempestade
Decide cair, chorando trovão.
As flores murchas. O céu, em emoção,
Se acinzentada de realidade.
O meu sofrimento é tão grande,
E minha alegria, tão pequena,
Que até o sopro do vento incessante
É, por mim, suspiro de pena.
Natureza se enternece, com compaixão.

As árvores perdem folhas, frutos, flores,
O sol se apaga com minhas lágrimas.
Os pássaros, em seus ninhos de mágoa,
Cantam, dedicados, as minhas dores.
Já que teremos a mesma sorte,
Que nossa sina logo nos visite.
Que se emocione até mesmo a morte:
“Morreram tão cedo! Morreram de tristes!”
E o tempo passa, e nos apaga.

3º LUGAR – JUVENIL

MARIANA BENVINDO CANDIDO

Salto/ SP

A Natureza do Ser

Você me deu dores
E eu te entreguei flores.
No triunfo do espaço,
Eu reescrevo nossos amores.

É necessário (sobre)viver,
Morrer,
Renascer.
Meu riso resplandece,
Meu choro engrandece.
No mundo em que vivemos,
A solidão prevalece.

Do orgânico ao botânico,
Do autêntico ao Atlântico,
O que nos resta do nosso cântico?
O semântico,
Do meu lado romântico.

Da minha essência,
A razão, a vontade e a decência.
O grito da dor, do amor e da ausência.

Qual é a tua natureza, afinal,
Que habita esse seu coração dual?
Nesse seu pensamento racional?
Qual a dor que tu escondes nesse seu pronunciamento disfuncional?
É o ciclo habitual da sociedade institucional.

Sua essência se mantém,
A natureza também,
No seu mais profundo desdém.
Do seu ciclo eterno que se precede,
A sua essência permanece.

4º LUGAR – JUVENIL

LUCAS PIAIA GUIDO

Salto/ SP

A Destruição da Essência (Imente importante) Natureza

A Natureza, sua grandeza
Beleza, resplandecência
Desmatada, enforcada
Pulverizada e amassada

Por quê?
Iniquidade e avareza
Malditas emoções
Ante a desolação
Anunciam choro, tristeza
Morte e destruição

Anunciando a predestinação
Dos homens em seus corações
Destruindo o firmamento
Lembre-se sempre
Tudo que sai pra fora
Vem de dentro
Matam fauna e flora

Zelo da pureza, largado
Com ímpeto, desmantelado
Esquecido e abandonado

Combatido pela...

Não é...

Não é rentável combater

O que aos ricos traz poder

O fim da essência

O maldito fim da natureza

5º LUGAR – JUVENIL

SALETE MAGALHÃES ALVES

Coaraci/ BA

Cadáver arenoso

Eu poderia cheirar um pouco de areia
Fechando meus olhos para a terra
Sentir minhas narinas aterrarem
Com um pouco de ardência insignificante

Eu sou uma praia deserta
Ou era
Tocado por um áspero sal
Estou me tornando uma caixa de areia para gatos

Estou bagunçado
Sinto essas garras esparramando
Minha fisionomia
Por todo o chão

Aquela sensação
Pelos macios e um ronronar vicioso
Partiu

Quero desenterrar
Meu corpo
O que sobrou dele

Eu tratava vermes
Como se fossem borboletas
A areia me sufoca
Entretanto, é tudo que sobrou

Sinto saudade da terra
Eu a perdi
Eu me perdi
Nunca nasceu grama na areia

2024

**POESIAS
PREMIADAS**

Categoria Adulto

1º LUGAR – ADULTO

FELIPE PYHUS JULIUS

Florianópolis/SC

Elegia a Manoel de Barros

Em memória do poeta das miudezas

Na sombra das árvores que ele amava,
Descansa Manoel, o poeta do chão.
Via no ínfimo a grandeza escondida,
E na natureza, a resposta à solidão.

Aprendeu com abelhas, mais do que com aeroplanos,
Fez do olhar para baixo sua canção.
Agora que se foi, nos perguntamos:
Natureza, qual é a tua, sem sua visão?

Ele via beleza no menor,
No insignificante que ninguém via.
Com suas palavras, transformava
O banal em poesia que vivia.

Natureza, qual é a tua,
Agora que seu olhar se apagou?
O que resta de nós, sem o encanto
Que nas coisinhas do chão ele encontrou?

Manoel, teu legado é o sussurro
Das coisas pequenas, que cantam tua voz,
Nas raízes ocultas da vida.

Descansa, Manoel, nas miudezas,
Pois em cada folha caída,
Há um pedaço de tua alma
Que para sempre estará entre nós.

2º LUGAR – ADULTO

NIMA IMACULADA SPIGOLON

Campinas/SP

Fruto

a árvore brotou no jardim
me fez conhecer a doçura
do seio das suas folhas
das pálpebras de suas flores
me senti fruto de suas raízes

3º LUGAR – ADULTO

GABRIEL BUSTILHO LAMAS

Rio de Janeiro/RJ

floralis generica

mesmo de longe dava pra ver era menos
pólen que poeira de alumínio o conjunto
de partículas que povoava o ar quando
a pesada pétala de metal pesado desabou
sobre a grama do parque após a tempestade

*

sendo tão pesada não há vento que carregue
a pétala fugidia para um outono mais distante
como não há abelhas de titânio sobrevoando
sua luz artificial quando se descobre que o vermelho
refletido no espelho d'água não é o coração de nada

*

é mais por costume que por convicção
que toda troncha desabrocha pela manhã
a imensa flor genérica, seu sonho de ser
ideal de flor, seu metal mágico –
metástase da flor

*

flor asséptica, não rompestes o asfalto
não furaste o ódio, então por que é que
me emociona esse teu brilho afiado, frio
brilho da vida inorgânica do aço
sobrevivendo ao tempo?

*

indiferente à primavera
ao contrário desses pássaros
que migram em orquestra
a flor de aço insiste em ser eterna
como um rosto que se leva na memória

4º LUGAR – ADULTO

WALMIR DE ASSUNÇÃO MARQUES

Curitiba/PR

Concomitância

Da grama trançada no tapete
vejo uma flor qualquer
junto à janela
e um buquê de raios
no hortelã do canto
(entre o sol, no vidro
e o sol na colher)

A folha avoa na sala
e induz horizontes
provocando um suspiro
na sua última curva
(o terceiro do dia
cuja primeira alegria:
um segundo após o banho
E a segunda:
outro, antes da chuva)

Na janela, plaina a vista
confusões do faro
que não reconhece estações
Enquanto no canteiro
vejo um pombo deturpado
que come um grão
caído do lixeiro

Penso na morte num estalo
tal qual a própria
e afundo o dedo no vaso
A terra suja a pia
e cai num prato
como na tigela de um morto
à pouca distância
(Eu mesmo, quem sabe
daqui a pouco)

A sombra me cobra
junto ao vento:
“favor concomitância”
mas seu teor me escapa

Como ao pombo deturpado
no mato ralo

No pio dos pássaros
o fim da tarde se anuncia

e o crepúsculo prepara
meu reparar indigente

Como um pombo embotado
que se deturpa na rua
e escancara
o colapso em seu rumo

Mimado na grama, um pombo
no mato ralo

5º LUGAR – ADULTO

DANIEL PERRONI RATTO DE MORAIS DA COSTA

São Paulo/SP

Coisa Simples

Devagar e sossegado
Vislumbrando a mata
Na cadeira de balanço
A gente mata o tempo

O gado pra tocar
A casa pra varrer
A louça pra lavar
A vida para ter

Coisa Simples

A rede pra deitar
O suor pra escorrer
A terra pra lavrar
A plantação pra colher

Coisa simples

O livro pra ler
A música pra escutar
A poesia pra escrever
A grama pra ciscar

Coisa simples

Essa coisa, a natureza
Mostra o aprendizado
Da vida inteira.



www.asle.net.br

www.instagram.com/academiasaltensedeletras

O tempo, esse velho escultor invisível, molda não apenas o que somos, mas também o que deixamos no rastro dos dias. É dele que nasce o tema que move a 33ª edição do *Prêmio Moutonné de Poesia*: “Tempo: o que resta do que passou?” Um convite à contemplação do instante e à escuta do que permanece quando o relógio silencia. A poesia, afinal, sempre foi a arte de capturar tudo aquilo que insiste em não ser esquecido.

Neste ano, o *Prêmio* reafirma seu importante papel como uma das mais sólidas expressões da cultura literária. Talvez por ter sido batizado com o nome de uma rocha, a Moutonné, este evento cultural tenha sido tão duradouro e resistente ao desgaste dos anos, capaz de guardar em suas camadas tantas histórias. A cada edição, essa rocha ganha novas marcas, versos, sentimentos e percepções deixadas pelos poetas que por aqui passaram.

Como Secretário da Cultura de Salto, é motivo de orgulho testemunhar o vigor criativo que pulsa nas páginas deste livro. As obras aqui reunidas não são apenas produções literárias escritas por profissionais ou amadores, adolescentes ou adultos; são fragmentos da vitalidade poética que habita em nossa gente. Há maturidade, beleza e, sobretudo, sensibilidade em cada texto.

É um orgulho para a Secretaria da Cultura de Salto incentivar e valorizar a arte da escrita através do *Prêmio Moutonné de Poesia*. Que estas páginas inspirem novos olhares, despertem memórias e façam ecoar, entre o que foi e o que virá, o som do que nunca se perde: o poder transformador da poesia.

Obrigado, poetas!

SANDRO BERGAMO

SECRETÁRIO DA CULTURA DE SALTO

REALIZAÇÃO



APOIO CULTURAL

